

LIVRO DO QUINTO
ANO DE CIÊNCIAS
DA UNIVERSI-
DADE DO PORTO
1934 — 1935

Outubro 1936

A' gentes Maria de Bethlem, com
a gentes e a entença, da
família de

Caixa Precisa Fir

LIVRO DO QUINTO
ANO DE CIÊNCIAS
DA UNIVERSI-
DADE DO PORTO
1934 — 1935

IN LIMINE...
de Judite Pombo

BALADA FINAL
de Paulo Pombo

Razão de ser...

*...que este livro, a cantar e
a rir, seja feito da Fantasia,
da Graça, da Irreverência e
também do Amôr e da Espe-
rança das almas môças ...*

IN LIMINE...

*Olha, leitor, nas tuas mãos amigas
Êste livrinho canta e em cada trova
Verás palpitações de gente nova
Embaladas ao som destas cantigas.*

*Sim, hás-de vêr que êste livro é feito
De aspirações vibrando em harmonias,
Ondas que no mar se erguem bravias,
Corações a bater dentro do peito.*

*Verás partir em dias de bonança
P'ra muito longe, em busca de alvoradas,
Asas de sonho, asas de esperança.
Que vão p'la vida fora em revoadas.*

*Deixa-as ir; como o nauta esperançado
Leva sempre o seu livro de orações,
Elas levam, no seio, agasalhado,
O mais lindo rosário de ilusões.*

*Não lhes digas que um dia, pobresinhas,
As contas do rosário em abandôno,
— Fôlhas esparsas que desprende o outono —
Hão de cair as contas de vêlhinhas!*

*Ai! Não lhes digas que virão saudosas
Beijar o muro velho que deu flôr.
São ruínas as saudades dum amôr
Que teve a duração das outras rosas.*

*Elas lá vão! Que o céu lhes dê guarida.
Elas lá vão! Que vão na paz de Deus!
Fitas azuis acenando à despedida...
Laços que prendem ao dizer adeus...*

.....
*Olha, leitor, nas tuas mãos amigas
Êste livrinho canta e em cada trova
Verás palpitações de gente nova
Embaladas ao som destas cantigas.*

Maio de 1934.

Judite Pombos

ELAS...

*São três as Virtudes, três as Graças
e três também os Mistérios são.
São três as doutoras. Mas desgraças...
quantas no mundo não causarão?*

Cacilda dos Prazeres Rozeira Dias

Vês, leitor? Tinha a certeza...

Mal os teus olhos puseste
nesta página doirada...

ficaram-te os olhos presos;
ficou-te a alma encantada!

Mas tem cuidado, leitor!

Não te deixes embalar
nos sonhos da Fantasia...

Podes perder-te a rezar
a tua Avé-Maria
com amor, com devoção
e depois, ao acordar...
—Adeus, doirada ilusão!...

Tu sabes lá! E' trocista.
Andam-lhe mil ironias
lá dentro do coração.

Toma cuidado, leitor...
Toma cuidado, senão...

Repara no seu pèsinho:
tão fininho... tão fininho...
tão pequeno a saltitar!

Toma cuidado leitor
que te podes magoar!...

Quando passeia na rua
c'um tic-tic nervoso
a morder o macadame,
(é o salto do seu sapato...)

não há rapaz que não pare
pensativo, abstracto,
a dizer muito constricto:

«Que pèsito! que pèsito!»
—«Quási não tem dimensões!»

Claro, esta Senhora
pisando as pedras da rua,
pisa mas é... corações.



L. COSTA

Frequenta o chá das cinco,
gosta muito de teatro
e de cinema também.

Vê as fitas uma a uma...

E dá a «Volta dos Tristes»
mas... sem tristeza nenhuma.

Leitor: O seu coração
é um pedaço de gelo.
Se quer's uma decepção
atreve-te a derretê-lo.

VERSOS DE *José Marques.*
DESENHO DE *L. Costa.*

Fernanda Pimenta Machado

Sabe-se lá, porventura,
o que sonha e o que quer',
o que baixinho murmura,
um coração de mulher?

Sabe-se lá, porventura?...
Quem o pudera saber!...

Por isso, desta Doutora
só sei dizer, por meu mal,
tudo o que desta Senhora,
todos sabem, afinal.

Vida simples, aplicada,
alma risonha e contente.
Tem a graça delicada
dum sorriso permanente.

Vida simples, aplicada ...
É o que sabe tôda gente.

De vez em quando exp'rimenta
ser trocista, sem maldade.
O que vale é ser *pimenta*
de primeira qualidade.

Cultiva a Ciência com brilho
e com saber invulgar.
Lá diz o Pôvo que, filho
de peixe sabe nadar.

Cultiva a Ciência com brilho.
Era fatal de se dar.

Adora as fitas p'la côr
dum azul tão lindo e leve!
O coração, em Amor,
tem branco, feito de neve.



Mas sabe-se, porventura,
o que sonha e o que quer',
o que baixinho murmura
um coração de mulher?

Sabe-se lá, porventura?...
Se eu o pudesse dizer!...

VERSÓS DE *Paulo Pombo*.
DESENHO DE *Rogério Tavares*.

Judite Maria Ascensão Pombo de Carvalho

Silêncio, musas do divino Olimpo,
Alcácer de Tonante,
Que eu canto a delicada poetisa
E grácil estudante!...

Eu canto a meiga e pálida Judite
De forma graciosa,
Tam leve como o vento em seus bailados
e alegre mariposa!...

E julgo que tal geito de andar
Por graça vem do nome:
Judite de Carvalho tem também
O Pombo em sôbre-nome.

Eu canto o seu olhar de inteligente
E brilho cintilante,
Que busca nos escombros da *Ciência*
Com ância palpitante,

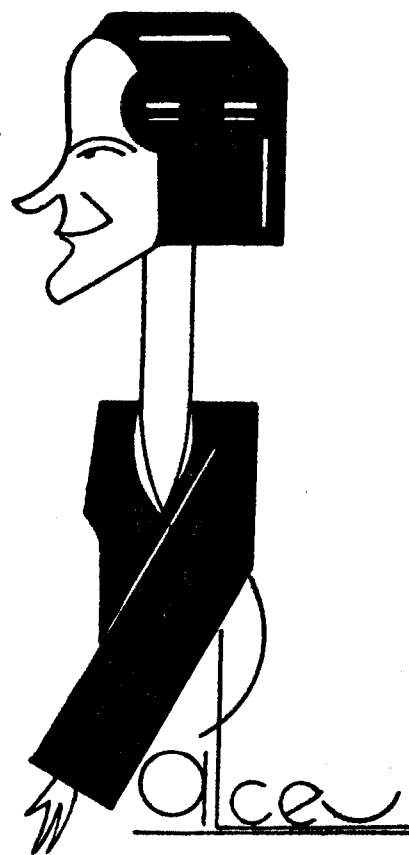
As causas existentes... Mas de balde
Encontra o que ela espera.
Desolada murmura, e indiferente:
«É tudo uma químera!»

Não te zangues! A *Ciência* é imperfeita...
Terás ainda um dia

Um coração a dizer-te, alvoraçado:
«Judite, que alegria,

«No meu pombal serás a pomba eterna
«A pomba do amor.
«E viveremos longe *destas químicas*
«Num sonho embalador!...»

VERSOS DE *Alcina de Vasconcelos*.



P. S.

Mas quem a vir, ingénua, *très petite*,
Alma poética, belo coração,
Frágil, magrinha, sem ter apetite,
Lembre-se que houve assim uma Judite
Que matou Holofernes à traição.

P. S. DE *António Sabino*.

DESENHO DE *Alceu*.

ÊLES...

*Um grupo de rapazes: matemáticos,
biólogos, químicos... e doutros cursos;
Em teorias de amor, todos são práticos;
na prática do estudo... há poucos ursos.*

Alfredo Andrade da Silva

Gentil leitora, atenção:
Tens namorico por certo
nêste doutor, se quizeres.

É tam grande o coração
que cabem lá cem mulheres!

No intervalo das aulas
constitui o seu prazer
passear com as colegas.

Aonde houver um grupinho
de meninas a sorrir,
se o doutor lá não está ...
por certo vai lá cair.

E passa o tempo contente,
todo alegre, sorridente.

Não seria mais feliz
se lhe saísse a taluda.

— Donde vens tu, ó Alfredo?
— Fui seguir uma miúda!

Investiga a vida dêle.
Se ao trabalho te deres,
encontras em tôda ela
só mulheres, mulheres, mulheres!

E agora, quási doutor,
anda a pedir ao Destino
que o faça professor
mas dum liceu ... feminino.

P. S.

Por causa dos maus juizos
Faço esta afirmação:
Há nos versos que aí ficam
Excesso de ... inspiração.



VERSOS DE *José Marques*.
DESENHO DE *Alceu*.

Arsénio Nunes da Fonseca

Que pena, meus senhores, que arrelia
eu tenho agora, sim, eu que queria

em versos retumbantes, com calor,
cantar as qualidades do Doutor.

Mas não posso faze-lo. E porquê?

— É que o Doutor que ao lado aí se vê

a palmilhar, ligeiro, atarefado;
Doutor em Ciências e também formado

nas Engenharias como é sabido,
e por chefe distinto sendo tido,

lá na C. M., (onde dizem também,
foge das obras tal como ninguém);

êste Doutor, certo, exacto, conciso,
que até na luz dos óculos tem juízo;

êste Doutor, famoso hidrologista,
(quando tem vinho gosta de água à vista),

mas que gazosa, líquida, ou em neve,
mete sempre água em tudo quanto escreve;

este Doutor, enfim, amigo meu,
(até o seu carro já me ofereceu);

não merece ser aqui apresentado,
.....porque... já é casado! —



VERSOS DE *Paulo Pombo.*

DESENHO DE *Augusto Rocha.*

Aurélio Sampaio Pereira de Carvalho

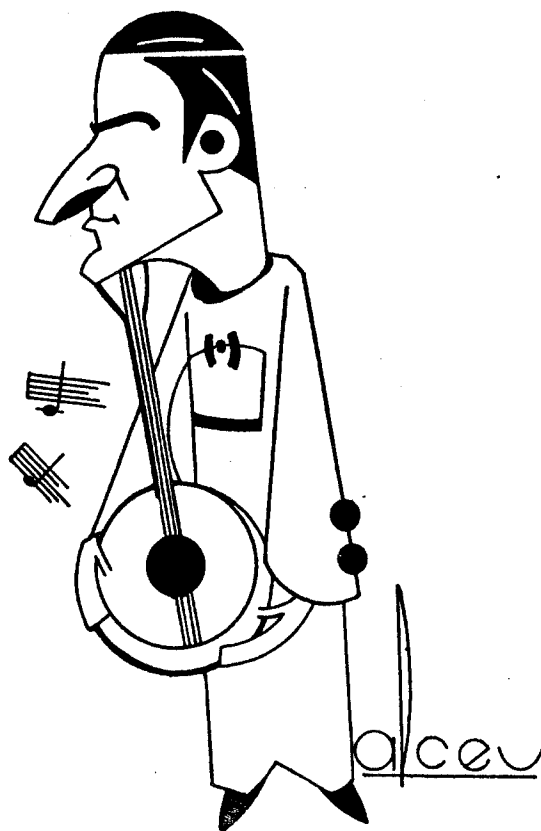
Este doutor, meus senhores,
veio das bandas «di-lá» ...
Ainda sente saudades
do canto do sabiá.

É um tanto impetuoso
mas no fundo, bom rapaz.
Muito, muito estudioso ...
E muito, muito sagaz ...

A vontade de saber
no doutor não tem barreiras.
Para tirar boas notas
até repete as cadeiras ...

Traz na alma um sonho lindo
feito de luz — fulgurante:
Entrar na Escola Naval
e ser um dia ... almirante!

Em duas notas de música
foi prender o coração.
Mais de mil vezes ao dia
Diz *Mi* ... *Dó* ... com emoção.



VERSOS DE *José Marques*.
DESENHO DE *Alceu*.

Eduardo de Oliveira Martins

Cinéfila portuguesa!
Cinéfila: atenção!

Fita com os teus olhos lindos
esta página encantada,
põe nela o teu coração.

Ei-lo o grande astro nosso!
É êle, êle o feiticeiro
que te traz enfeitçada.

E quantos sonhos de amor
não existem como o teu?

Podem-se acaso contar
as ondas que tem o mar
ou as estrélas que há no céu?...

Foi pescador elegante
no filme *Maria do Mar*.
Entrou depois na *Severa*.

E nas *Pupilas* vai ser
o *Pedro*, lindo aldeão,
coração franco a viver
entre os trigais a cantar!

Quem te dera então ser *Clara*,
ir para o rio lavar!

Cinéfila portuguesa!
Cinéfila: atenção!

Ai de ti se pões os olhos
nesta página encantada,
se pões nela o coração.

A água do rio da Vida
levará ao mar do Nada
o pó da tua ilusão!



VERSOS DE *Paulo Pombo*.

DESENHO DE *Octávio Sérgio*.

Fernando Augusto de Barros Russel Cortez

Vive na Foz o doutor,
(Vê-se logo a distinção
De qu'ê fiel portador).

Rôsto fóssil, achatado,
Irregular o trombudo,
O doutor aqui citado,
Sem ter nariz limitado,
Metete o seu nariz em tudo.

Viu-se bem embaraçado
P'ra escolher o seu curso,
Pois o nosso alvejado
Em tudo queria ser «urso».

Um dia, de manhã cêdo,
Inda longe vinha o dia,
Da janela do seu quarto
O doutor viu um rochêdo;
Quem diria que o penêdo
A galope o conduzia
Sem exitar e sem mêdo
À bela Geologia.

Nas abas do chapêuzinho
Traz o doutor bem à vista,
A moda parisiense,
A conselho da modista.

Ao Olimpo já subiu
Em busca dum grande amôr;
Viu Diana e sucumbiu
O nosso caro doutor.

Mais tarde verificou
Que tudo era ilusão
E o Olimpio abandonou
Parece qu'em avião.

Agora sim, acertou.
E o coração escolhido,
Olha-o muito embebido
No amor que o tocou.



VERSOS DE *Alfredo Silva*.

DESENHO DE *Jaime*.

Fernando Herculano Fernandes

Um coração inconstante,
o deste jovem doutor.

Inconstante ... não é bem:
Inconstante para todas
mas constante para alguém.

O seu amor por três vezes
na descrença naufragou.
Mas por três vezes também
mais alto se levantou.

Aqui há dias andava
com duas chaves na mão ...
Uma, a do coração dela ;
Outra, a do seu coração
.....

Aplicado, sizudo,
faz mil projectos ao dia
p'ra começar o estudo ...
Mas não ... começa amanhã.
A Vida é um grande canudo.

Um canudo tão comprido
que por êle se espreita a côr
dêsse canudo querido
— O canudo de doutor —

Quási formado, aí anda
pelas ruas da cidade
a mirar tôda a donzela.

Mas sempre, sempre o mesmo :
— Inconstante para todas
mas constante para *Ela*.



VERSOS DE *José Marques*.
DESENHO DE *Jalme*.

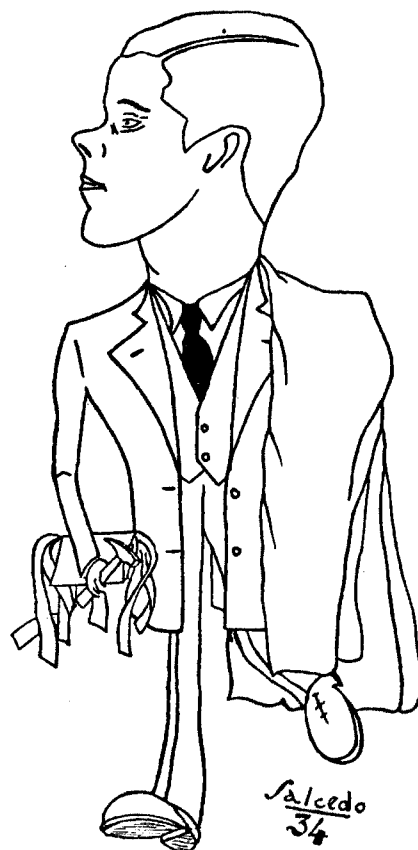
Fernando Sérgio de Paiva

Da Augusta Braga, antiga e senhoril,
Veio este doutor bem singular,
Gestos largos, audaz, nobre perfil,
De nariz irritante e agudo olhar.

Geólogo de truz e fero e eminente,
Dado aos calhaus d'alma e coração,
Êle é também piedoso dirigente
De augusta e piedosa associação.

Romboedros, piroxenas, cacoides,
Granitos, dioritos, pinacoides,
Tudo na pinha traz ... e saltitante ...

Às vezes a alegria troca em tristeza.
Ia dizer que são—são com certeza—
Saúdades d'alguem que está distante.



VERSOS DE *Carlos Teixeira*
DESENHO DE *Salcedo*

Francisco Alves Ferreira Couceiro

Leitora, volta depressa
esta página, senão
ficas nela enfeitçada,
lá te vai o coração!...

...volta, não leias mais nada.

A tôdas, tôdas conquista
o nosso jovem Doutor,
e a tôdas, todinhas jura
um eterno e infindo amor...

...que afinal bem pouco dura.

É voluvel como o rio
que, alegre, a rir e a cantar,
deixa na margem o *Salgueiro*
p'ra ir lançar-se no mar...

...no mar... das moças de Aveiro.

De resto tem qualidades
como a mui poucos é dado.
Estuda, trabalha, ensina,
vive a correr açodado...

...pois correr é a sua sina.

Violinista distintíssimo,
quando, em atitudes finas,
toca bem, não a fingir,
apaixonam-se as meninas...

...deitam os homens a fugir!

Leitora: ainda outra vez,
agora p'ra terminar:
— Cuidado com o Doutor
não te deixes enganar,

co'as suas frases de amor!...



VERSOS DE *Paulo Pombo*.
DESENHO DE *José Videira*.

Francisco Ant3nio de Castro Carr3o

Um par de 3culos, um bengal3o,
uma bochecha lisa e c3rada,
eis a3 o Doutor Chico Carr3o.

F3-lo o bom Deus numa madrugada,
de bom humor, e ent3o a seguir
quebrou a f3rma, n3o fez mais nada.

E o Doutor, sempre af3vel e a rir,
modesto e bom, veiu ao mundo ent3o,
por c3 ficou... e sem pressa de ir ...

Numa das m3os traz o bengal3o
e na outra, — di-lo toda a gente —
traz o seu bondoso cora33o.

Mas nunca quiz d3-lo de presente,
s3mente a uma mulher, pois bem sabe
que a mulher 3 um ser que s3 mente.

S3mente ... s3mente ... n3o me cabe
dizer o resto, n3o cabe n3o,
e que afinal pouca gente sabe ...

— N3o 3 verdade, Doutor Carr3o ?



VERSOS DE *Paulo Pombo*.

DESENHO DE *Alceu*.

Henrique Victor Ziller Perez

No peito deste doutor,
como estrêlas da manhã
que ao vento d'alva lucilam,
bailam imagens saudosas
d'umas que tantas mulheres.

A vida tem-lhe passado
a desfolhar... bem-me-queres.

Esteve na Noruega
e na Suiça também...

— Neve branquinha a cobrir
da montanha a vastidão ...
— Neve branquinha a cair
em cima duma paixão!

Aprendeu a patinar
no gêlo dos corações
das mil donzelas que quiz.

Por isso foi p'ra a Estrêla
com um bom par de «skis»...

Fotógrafo amador,
tem tirado mil retratos
com denodada bravura.

— Exposições do Amor
que morrem ... na cam'ra escura —

(E como nisto falei
Ao grande amigo meu
quero aqui agradecer
umas fotos que me deu ...)

No Banco de Portugal
como mais forte e seguro
foi guardar o coração
de graça, sem qualquer juro.

Mas a empregada infiel
num gesto brusco e malvado
verteu nele gôtas de fel ...
E deu-lho em tal estado!...

Biologista afamado,
êste doutor sapiente
se a sorte estiver ao lado
'inda há-de chegar a lente.



Pelo menos — com certeza! —
Chega a primeiro assistente.

.....

Amigo Ziller: — À hora
de meus versos terminar
andas tu lá pela Estrêla
satisfeito, a patinar.

— Que a tua Vida afinal
Correndo atrás da miragem,
tem sido só: — coração
muito gêlo e ... patinagem! —

VERSOS DE *José Marques.*

DESENHO DE *Alte.*

João Pessoa

— Por que será
que o João Pessoa
vai muito agora
lá por Lisboa?

Piadas, muitas histórias,
històrinhas, historiêtas,
muitas graças e anedotas,
muitas partidas e pêtas,

eis o que é êste Doutor
que ao lado está desenhado.
À rir e alegre, pr'a si
a vida é um riso pegado.

Só o vejo sério ficar
quando ouve perguntar:

— Por que será
que o João Pessoa
vai muito agora
lá por Lisboa?

Sebentas, muitas sebentas
sebentices a mais não,
feitas por si p'ra vender
(tem ganhado um dinheirão!),

eis o que é êste Doutor
que ao lado nos está a olhar.
P'ra si a Vida é a Sebenta
que leva a vida a estudar.

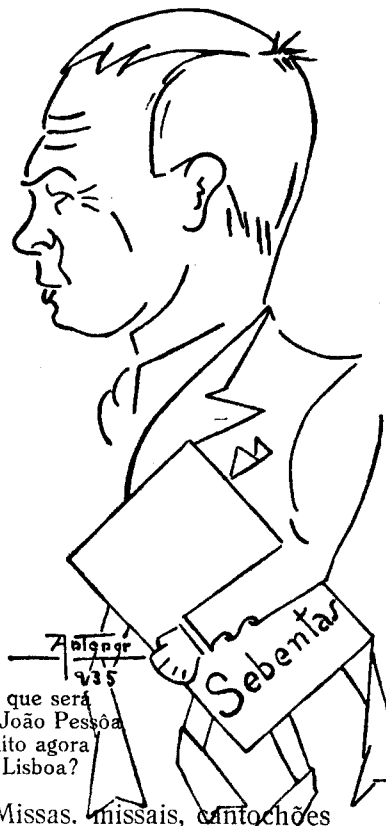
Linda, risonha sebenta,
quando o Sul de lá o tenta:

— Por que será
que o João Pessoa
vai muito agora
lá por Lisboa?

Contabilidade, inglês,
comércio, estenografia,
a arte de escrever à máquina,
a arte da caligrafia,

tudo ensina, o João Pessoa,
que é uma pessoa p'ra tudo.
É formado em Matemáticas,
e é um grande urso... no estudo.

Porém de vez em quando, ala,
larga tudo e lá abala:



— Por que será
que o João Pessoa
vai muito agora
lá por Lisboa?

Missas, missais, cantochões
fadados, canções, cançonetas,
serenatas, barcarolas,
trechos de ópera, operetas,

tudo canta êste Doutor.
com boa voz, não de grilo.
E até vos digo, Senhores,
que tomara um surdo ouvi-lo.

Canta até canções de amor,
virado ao Sul, êste Doutor:

— Por que será
que o João Pessoa
vai muito agora
lá por Lisboa?

VERSOS DE *Paulo Pombo*.

DESENHO DE *Antenor*.

José Marques

É José Marques *tout court*
O nome dêste Doutor.

Quem o não conhece? A Fama
já com êle deu ao Mundo
quatro voltas em redor!

Assim a arte dos seus versos
galgou montanhas e mares...
... e encheu mesmo os Universos.

E por cima, inda chegou
até a mais a alguns lugares.

Também por isso as mulheres
(quási formando um milhão)
que enchem tôda a sua vida,
não passam de bem-me-queres
na palma da sua mão!

Mas não julgues tu leitora
que é fácil acorrentá-lo
ao jugo do casamento.

Nada disso... Êste Doutor
vive como as borboletas,
voando de flor em flor,
variando a todo o momento.

Ora ouve o que êle diz:

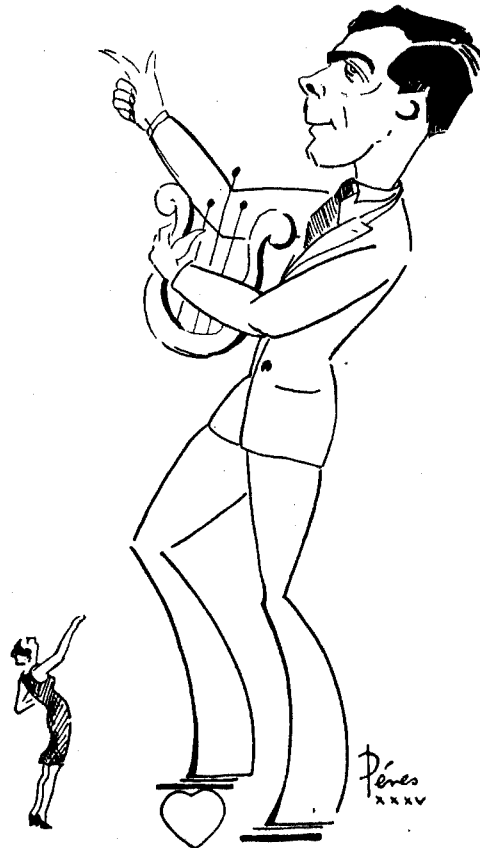
— *Anda um ai na minha vida
a lembrar-me a cada passo,
tanta jura fementida
que a tanta mulher eu faço!*

Mas pecado confessando
é já meio perdoado.

Anda a escrivinhar um livro
de contos, «Contos azuis».
Mas como as coisas estão fôscas,

O seu livro nos livreiros
está destinado a ser
poiso eterno para as môscas!

E os contos azuis queridos
ficarão enegrecidos!



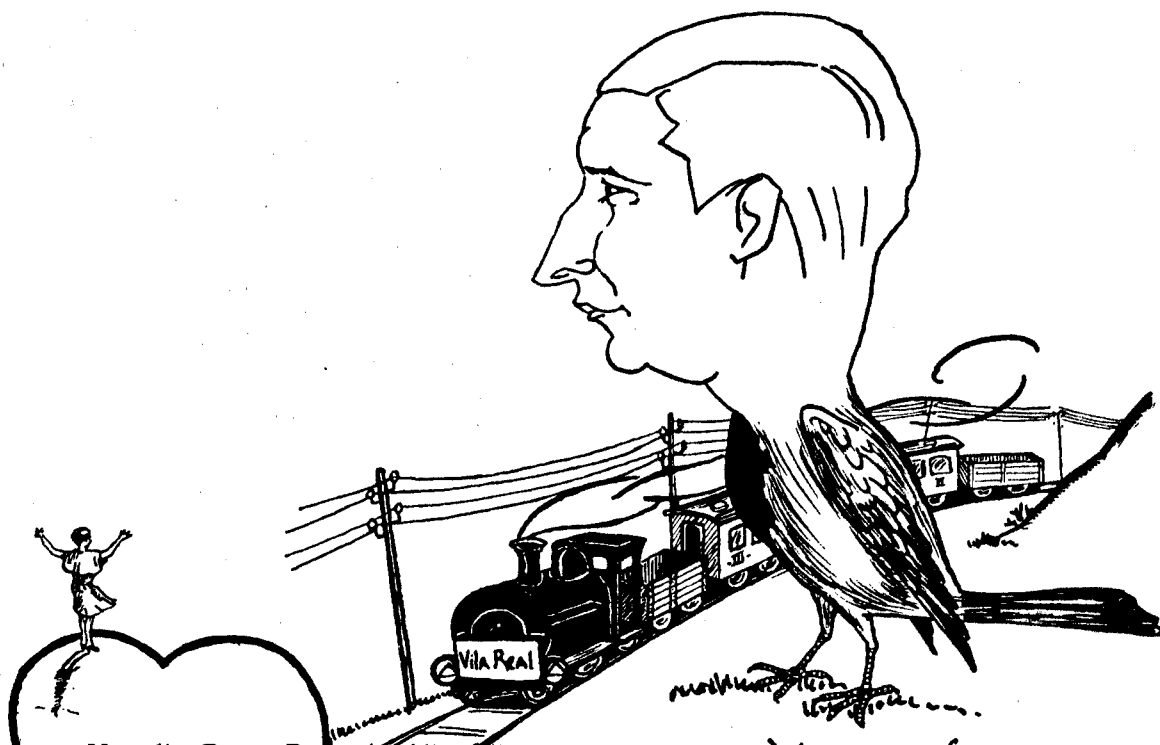
Mas não importa, a figura
elegante do Doutor,
a sua prosa, os seus versos,

irão por terras e mares
encherão os Universos...
... e, inda mais alguns lugares.

VERSOS DE *Paulo Pombo*.

DESENHO DE *Péres*.

José do Nascimento Duarte (Pardal)



Um dia Baco, Deus do Alto Olimpo,
Adormeceu no azul do Firmamento
E, quando acordou, reconheceu
Que não podia perder assim o tempo.

Durante o seu profundo e largo sono
(Um século ou mais — sono de Deus),
Viu que não era já da terra o dono;
Tinham morrido os sacerdotes seus.

Enfureceu-se. A cólera divina
Eclodiu por todo o Firmamento,
E a côrte veio ali, diamantina,
Tomar junto do Deus real assento.

— «Ouvi, ó servos meus que me escutais,
«Na terra já não há quem beba vinho!
«Decreto e mando: seja já criado
«Um sacerdote leal, meu paladino».

Logo ali criado foi o servo
E à terra se baixou entre festões,
Disposto a beber copos de vinho
Às dezenas, aos centos, aos milhões.

Eis a razão porque encontrais aí,
Ufano do seu porte e sua pasta,
Êste Doutor que ha muito conheci
Canecas a emborcar de tasca em tasca.

.....

Vinha dos Santos
Ficava por aqui, mas... francamente
Vão-me chamar o amigo borrachão,
Quando afinal, se bebe alarvemente,
Bebe o preciso apenas e mais não.

.....
Tem lá p'ràs bandas da serra,
lá por detrás do Marão,
muito longe desta terra,
uma noiva, um coração...

E tanto o prende o amor
que, quando pode — é fatal:
Caminha a todo o vapor
direito a Vila Real.

Como veem, o doutor
traz na alma e no sentido
duas imagens a par:
Adora Baco e Cupido.

E se agora preguntarem
qual dos dois é vencedor,
co'a mão na consciencia,
eu direi: — vence o amor.

VERSOS DE José Marques.

DESENHO DE Vinha dos Santos.

Julião d'Azeredo de Gouveia Pinto Leite

Êste doutor Julião
d'Azeredo Pinto Leite
é um grande maganão.

E sopeira que se enfeite
cai-lhe decerto na mão.

Talvez que por ser da Rêde
traga a rêde preparada
para caçar corações...

Meninas! Não vos fieis
nas suas grandes paixões.

É do deus Baco devoto
e se bebe só um copo
é razão p'ra admirar.

Em geral são dois ou três,
cinco, seis... sete talvez.

.....
Se tu tens filhas, leitor,
toma cuidado com elas.
Quando passar o doutor,
fecha a porta e as janelas.



VERSOS DE *José Marques*.
DESENHO DE *Alceu*.

Luiz de Souza Faião Pádua Soares

Se toda a gente o conhece bem
P'ra que é preciso esta apresentação?
Não é possível existir alguém
Que não conheça o Doutor Faião.

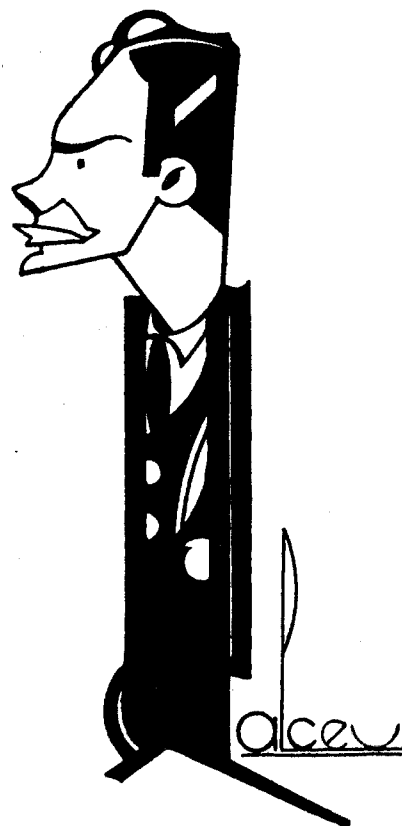
Certamente distingue-o a leitora
P'los belos predicados, a saber:
Tem elegância, tem *linha*, voz sonora
E um todo fotogênico a valer.

Aprecia muitíssimo a anedocta,
Contos largos e histórias mais correntes;
Se acha graça, ri muito, é uma risota ...
Ri, se não acha ... p'ra mostrar os dentes.

Já quiz em medicina ser doutor
E poz-se a estudar uma caveira.
Fugiu espavorido — ai! que horror! —
Viu-a uma noite à sua cabeceira.

Em amores — como ele foi finório! —
Não me deu ordem de meter o bico
— Prova de que tem culpas no cartório —.
Mas eu assim é que não me fico,

E vou contar: O doutor dá o cavaco
E tira, comovido, o seu chapéu,
Quando alguém, sabendo do seu fraco,
Lhe fala na cidade de Viseu.



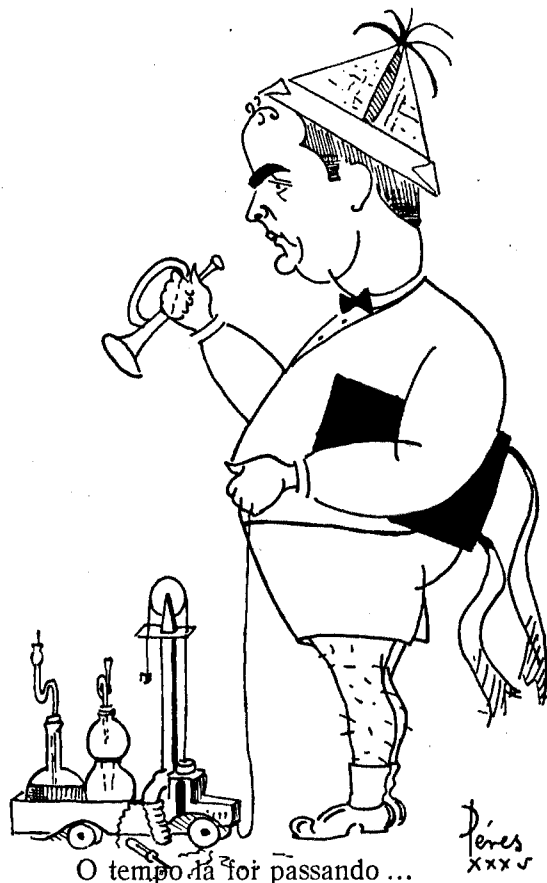
VERSOS DE *Judite Pombo*.
DESENHO DE *Alceu*.

Manuel José Moreira

Uma vez certo menino,
—ai! como o Himalaia é grande!—
sob um signo bem mofino
vem a êste mundo um dia.
A gordura em si se expande
em completa sinfonia
de formas, carne... e banha,
mas em profusão tamanha,
que o recém-vindo menino
é pequeno e já tão grande!

E os anos foram correndo ...
Não precisou de crescer ...
Voraz, comendo e bebendo,
dizem que foi sempre assim!
—Não sei, mas devia ser!
Ao chegar à idade, enfim,
de tomar rumo na vida,
pensou ... e achou a saída
de, ou saltando ou correndo,
Doutor vir um dia a ser!

Disseram-lhe certa vez:—
Se queres que a tua gordura
saia para sempre, talvez,
não hesites:— do Amor,
experimenta a doçura.—
Assim faz êste Doutor ...
E tôdas que encontrou, *Ana*
Badana, *Rebeca*, *Susana*,
amou juntas, duma vez,
e o Amor ... foi-lhe amargura ...



O tempo lá foi passando ...
E o nosso Doutor menino
lá foi indo, foi andando ...
Com geito p'ra desenhar,
—mas sob um signo mofino—
quer' muitos cursos tirar.
É bom rapaz, afinal,
amando o Bem, não o Mal ...
Deixou-o o tempo, passando,
grande e sempre pequenino!

VERSOS DE *Paulo Pombo*
DESENHO DE *Péres*

Oscar Antunes Ramos

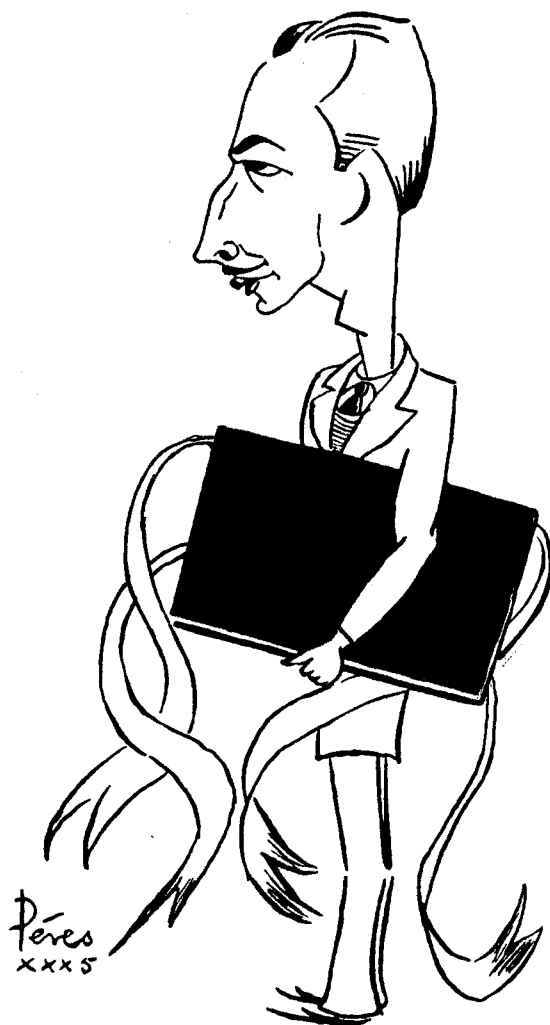
Magro, alto e estilizado,
Sempre bem posto, aprumado,
Como êle outro inda não vi.
Pois, se o olharmos de repente,
Faz-nos lembrar, francamente,
Aquêles fós'ro que ri.

O nosso amigo Oscarsinho
É pr'o Oquei danadinho,
Pelo qual todo se péla.
E no peito, qual vulcão,
Alimenta uma paixão
Pelas estrelas da tela.

Mal se acabe de formar,
Diz adeus, põe-se a cavar
P'ras terras do sâbiá.
E ali, nas suas rocinhas,
Bem junto das mulatinhas,
Não sei mesmo o que fará ...

Não julguem que é brasileiro,
Não senhor! Êste matreiro
É português e confessa.
Tem, contudo — que tratante! —
Lá no Brasil, bem distante,
Fazendas, mas não em peça.

Gosta imenso — que ventura! —
Da nova literatura
De Hall Caine e Da Verona.
Adora a Química tanto
Que os balões — té causa espanto! —
Andam sempre numa fôna.



Por de cima do beicinho,
Usa um bigode fraquinho:
Pêlo aqui, pêlo acolá.
Quer fazer sapateado,
Mas com franqueza, coitado,
Rompe as solas... não vai lá ...

VERSOS DE *Ireneu Mouta*
DESENHO DE *Péres*.

Paulo Maria Pombo de Carvalho

Ei-lo!... Soberbo, forte e gracioso,
Elevado n'altura... em Pensamento,
Capaz de iluminar num só momento
Tudo quanto é bruma, e é duvidoso...

É poeta com bom pulso... estudioso...
Tem 'spírito, alegria e tem talento.
Adora Antero e Gorky, adora o Vento,
A Vida, o Sol e o Mar impetuoso.

Amores... se tem... assunto delicado
P'ra deixar fàcilmente profanado
Ao Vulgo curioso, insatisfeito.

Deixai-o só na teia melindrosa,
A sorrir, qual em sonho côr de rosa,
A sorrir... à Virgínia, satisfeito.

VERSOS DE *Alcina de Vasconcelos*.

P. S.

Este soneto, senhores,
maravilha delicada
dum estro de poetisa,
se dissecou o doutor
não lhe tirou a... camisa.

Tanto fraquinho que tem!...
Tanta coisinha a dizer!...

Por isso tanto teimou!
Eu qu'ria fazer-lhe os versos
mas... o doutor não deixou.



E foi muito sorrateiro
pedir versos rendilhados
à inspiração feminina...

Este doutor, meus senhores,
é raposa velha e fina.

P. S. DE *José Marques*.
DESENHO DE *Péres*.

Ricardo Martins da Silva Araujo

Dois traços breves e eis o seu retrato:
É magro e baixo, alegre, atencioso,
Cabelo para traz, com um certo trato,
Olhar franco, ora vivo, ora abstracto,
E fala a tôda a gente gracioso.

Em outros tempos foi seminarista,
Mas por certo pensou um dia assim:
«Nada! O melhor é ir todo fadista,
Ver a pequena... Gosar, dar na vista...»
E deu um piparote no latim.

E diremós agora: Se, de facto,
Se dedicou à ciência com fervor,
Por não gostar da vida de pacato,
Bendito seja o medo ao celibato
Que fez com que existisse tal doutor.

É fértil em ideias: Outro dia
Com fios, um circuito, uma corrente,
Quiz mudar o estado à água fria;
Pensou, fez ligações e eis que surgia
Mais um processo para ter água quente.

Metódico, afável, calculado,
Tem vida regulada... ao que parece:
De vez em quando estuda o seu bocado,
Passeia, ri, conversa com agrado,
Vai ao cinema quando lhe apetece.



Meninas, um momento de atenção:
Não se prendam, cuidado, cuidadinho...
Que este doutor não tem livre o coração:
Às vezes entristece sem razão
E abala saudável... lá p'ro Minho.

VERSOS DE *Judite Pombo*.
DESENHO DE *Alceu*.

BALADA FINAL

Leitora:

*Manso, mui de mansinho,
cerra este livrinho, que acabas de ler.
Sob o teu olhar... nas tuas mãos de arminho,
vela-lhe o sonhar... e fala-lhe baixinho,
dá-lhe o teu carinho, de alma de mulher...*

*No silêncio augusto — depois deste canto
de adeus e de pranto — com que a sorte o pune,
meditando um pouco, verás então quanto
um adeus é louco... mas é também santo,
como louco e santo é o amor que nos une.*

*Somos asas... sonho... sonho de saudade...
febril anciedade, daqueles p'ra quem
a luz da Beleza ilumina a Verdade,
veem a Natureza e põem a mocidade
ao pé da Bondade, do Amor... e do Bem!*

*Notas fugidias, notas desprendidas,
são canções perdidas, que acabas de ouvir.
Tão longe e tão perto... são para sempre idas!
E o sacrário aberto, donde são saídas,
é... as nossas vidas... e este livro a rir...*

Leitora querida:

*A este livrinho,
vela-lhe o sonhar no seu feliz dormir,
sob o teu olhar... nas tuas mãos de arminho...*

Maio de 1934.

Carlos Tombo

ESTE LIVRO, O
DOS QUINTANISTAS DA
FACULDADE DE SCIENCIAS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO,
ACABOU DE IMPRIMIR-SE NA TI-
POGRAPHIA LEITÃO, NA RUA DA
PICARIA, 73, NA ANTIGA, MUI-
NOBRE E SEMPRE LEAL E
INVICTA CIDADE DO POR-
TO, AOS DEZOITO DIAS
DO MEZ DE MAIO DO
ANO DA GRAÇA DE
MIL NOVECEN-
TOS E TRIN-
TA E QUAR-
TOS*